VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

BORDANDO HISTÓRIAS, CONSTRUINDO NARRATIVAS: UM BREVE RELATO DE ESTUDOS SOBRE A PRÁTICA DO BORDADO NO BRASIL

Isabella Karim Morais Ferreira*

O bordado estaria relacionado a uma tradição, especialmente a técnica manual, quando se apresenta como uma prática exercida por um grupo, de forma contínua e simbólica, fazendo uma menção ao passado. Constituir-se-ia assim uma tradição inventada, como define Hosbsbawm (1997).

Dessa forma, a arte de bordar, sendo um mecanismo de estruturação de relações em certos grupos sociais, seria assunto pertinente ao campo da história, baseando-se numa memória coletiva, enfatizando a história social de uma cultura.

Para Claudia Houdelier[1] conjectura-se que "o bordado seja uma das artes aplicadas mais antigas, que deve ter surgido logo após a descoberta da agulha.[...] executados em material perecível, o tecido, os mais antigos bordados não se conservaram." E diz que "Para estudá-los seria preciso recorrer à documentação fornecida por monumentos antigos".

Monumentos, que para Le Goff (2000, p.103), são a "herança do passado", que se diferenciam dos documentos, que é a "escolha do historiador". Irene Cardoso (2000)

* Bacharel em Design (UFPE) e Mestranda em História Social da Cultura Regional (UFRPE).

1 Disponível em: http://houdelier.com/paginas/bordadoshistoria.html. Acesso: 24 de Maio de 2014.

defende que exista uma distinção entre os conceitos de memória coletiva e memória histórica quando, certos objetos de estudo esquecidos, são motes de pesquisa em história, pelo campo da historiografia, ou pelas ciências sociais. E como não há a recorrência de estudos que se aprofundem na história do bordado como um saber/fazer manual, que é traço da identidade de determinada região e determinando grupo social, configura-se o argumento que esse objeto de pesquisa seria esquecido em detrimento de alguns outros.

A memória coletiva, para Le Goff, seria uma história mítica. O que a principio pode-se opor a noção de memória histórica, encontra posteriormente seu próprio fundamento. "Até os nossos dias 'história e memória' confundiram-se praticamente e a história parece ter-se desenvolvido 'sobre o modelo da rememoração, da *anamnese* e da memorização'" (Le Goff, p. 54). Assim, a memória coletiva está intrinsecamente ligada à memória histórica e, do contrário, também procederia dizer que em estudos históricos a reminiscência coletiva tem participação recorrente e primordial a alguns problemas de pesquisa.

Le Goff defende ainda que "A memória coletiva valoriza-se, organiza-se em patrimônio cultural." (p. 109). Posicionamento confirmado e complementado por Fonseca (2005), que traz a definição de bem cultural:

> Ao se considerar um bem como bem cultural, [...] enfatiza-se o seu valor simbólico, enquanto referência a significações da ordem da cultura. [...] No caso dos bens patrimoniais selecionados por uma instituição estatal, considera-se que esse valor simbólico refere-se fundamentalmente a uma identidade coletiva, cuja definição tem em vista unidades políticas (a nação, o estado, o município). p. 42

Assim, quando uma cidade é reconhecida, ou se faz conhecer, pela produção permanente de um artesanato, existiria esse processo de legitimação, onde o produto desse saber/fazer se constitui em Patrimônio. O próprio "saber/fazer" é denominado pela Unesco como Patrimônio não-físico ou imaterial (FONSECA, 2005, p. 41)

A seguir, conta-se a história do bordado em duas cidades distintas do Brasil, por meio de pesquisas realizadas sob a perspectiva de algumas ciências sociais, que contribuem aqui por detalhar alguns aspectos históricos do bordado, sendo uma

habilidade tradicional, considerada como a atividade artesanal mais presente nos municípios brasileiros.[2]

O BORDADO DE ANTÔNIO PRADO-RS

A prática do bordado manual em Antonio Prado, cidade localizada no Estado do Rio Grande do Sul, foi abordada pelos autores Neusa Maria Roveda Stimamiglio e Fernando Roveda em uma obra chamada "Bordando Sonhos". Já na introdução ao estudo, se menciona o termo "tradição":

> [...] às tradições trazidas pelos imigrantes europeus, [italianos] referentes ao artesanato, contribuição mais específica de uma prática feminina, que, além do trabalho desenvolvido para auxiliar no sustento da família, deixou marcas culturais nos trabalhos manuais, agregando a ele também um valor estético. (STIMAMIGLIO, 2010, p. 07)

No estudo, se defende a "educação patrimonial", que, segundo a autora, "visa a disseminar valores culturais, [...] resgatar, preservar e salvaguardar a memória do patrimônio cultural imaterial, possibilitando a transmissão e a recriação desse patrimônio às futuras gerações." (p.08). Nesse sentido, a tradição do bordado seria um elemento da identidade de Antônio Prado, que constitui parte da sua história.

Sobre a possível origem do bordado, Stimamiglio (2010, p.11) aponta que no final do século XIX, a imigração de italianos teria trazido consigo "[...] valores culturais, seus usos e costumes, sua identidade [...]" e estes passariam "por um processo sofrido, difícil, de transformação e adaptação ao novo mundo." Tradição que teria sido "cultivada" pelos próprios imigrantes e seus descendentes, "novos brasileiros" – palavras da autora.

> [...] os panos de parede geralmente usados atrás do fogão à lenha, como decoração, estavam nesse espaço 'sugestiva e simbolicamente [...] combinando expressões e provérbios populares, mas pleno de sentido e significado [...] altamente reveladores de um conteúdo pedagógico e normativo, visando aos interesses masculinos. (FÁVARO, 2002, p.125, apud STIMAMIGLIO, 2010, p.27-28)

O bordado e as bordadeiras de Antônio Prado teriam representado historicamente um costume de atores sociais que até então eram ignorados em detrimento

[2] Dados do IBGE em pesquisa de informações básicas municipais. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/perfilmunic/cultura2006/cultura2006.pdf Acesso em: 10 de junho de 2014

de uma legitimação do masculino como exemplo para todas as práticas – e saberes – sociais. E "como consequência da desvalorização da experiência [feminina], também são criados mecanismos para que essa experiência não deixe marcas, não se torne pública." afirma Stimamiglio (2010 p. 26). Por essa razão, a pesquisa, segundo a autora:

> [...] buscou valorizar o cotidiano da vida de mulheres que se mantinham anônimas, muitas vezes invisíveis, indizíveis, e trouxe à tona a história dessas vidas, deu visibilidade e legitimidade aos fazeres e aos saberes construídos cotidianamente através da experiência humana. [...] (STIMAMIGLIO, 2010, p.29)

Essa pesquisa remete às "lembranças" que estão relacionadas com os "espaços-tempos da cidade", como afirma Stimamiglio (2010, p. 17). Ela fala isso quando argumenta que o método de pesquisa foi o da história oral temática. É o mesmo método que usou em sua dissertação de mestrado chamada "Lembranças de infância: narrativas entrelaçando espaços-tempos na cidade de Antônio Prado, UFRGS, Porto Alegre: 2005". A autora menciona o protagonismo que a memória tem como sujeito da história, sendo construída coletivamente.

Tratar o bordado como uma prática artesanal exercida pelas mulheres naquele contexto e naquela região, também é mote para uma reflexão, ou "algumas considerações" sobre o gênero. Relacionado a isso, tem-se ainda condicionantes econômicos que situam o desenvolvimento dessa atividade na cidade.

> Mulheres que carregam a herança de suas tradições como identidade e sinal de pertencimento a um grupo cultural. [...] uma herança trazida da Europa o costume de marcar os panos com pontos de bordados. O bordado trazendo marcas de si, marcas de mulheres, das identidades engendradas no duro cotidiano de um tempo de precariedades. [...] a maioria das mulheres relatou, em entrevista concedida, as alternativas encontradas por aquelas valorosas mulheres, cotidianamente, para conseguirem uma forma de ter renda própria. (STIMAMIGLIO, 2010, p. 23)

Nas horas "vagas", que não interferissem nas atividades agrícolas e domésticas, as mulheres faziam o seu bordado de subsistência. A renda extra obtida com venda de ovos, carvão, serviam-lhes para comprar aviamentos. Assim, bordavam seus enxovais, "[...] pois a preparação para o casamento era parte integrante da educação recebida pelas mulheres nos diversos contextos educativos: na família, na escola e na igreja." Stimamiglio (2010, p. 24).

> As narrativas de mulheres sobre suas atividades na casa, e sobre as próprias casas visibilizaram e valoraram as tarefas domésticas. Assim, a casa e o trabalho doméstico se impuseram à nossa escuta e como objeto de nosso olhar, nos significados que os sujeitos lhe atribuíam [...] (LAGO in MINELLA E FUNK, 2006, p. 254)

Figura 1 - Fonte: STIMAMIGLIO, 2010, p. 46

A partir desse recorte "de uma tradição" ou de "possibilidades de pesquisa", sempre pontuado pela autora, começa-se a narrativa dos depoimentos obtidos durante a pesquisa de campo em um capítulo chamado "Mulheres bordando sonhos". Depoimentos frutos de entrevistas realizadas sob a perspectiva da História Oral Temática – Thompson (1992) – que se constituiriam em documentos de pesquisa, quando gravadas e transcritas.

São histórias de imigrantes e descendentes de italianos na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul. Histórias que se confundiriam com a história da própria cidade, que contam a rotina de mulheres criadas e educadas para a manutenção de uma vida familiar. "Na escola aprendeu a bordar, pois na escola tinha um dia dedicado ao bordado, mas já havia aprendido a bordar com suas irmãs mais velhas." Stimlamiglio (2010, p. 34)

Durante os relatos das entrevistadas é recorrente a menção ao fato de muitas das técnicas cultivadas naquela região terem vindo de fora: "A técnica aprendida na Itália de 'fiar o linho' foi cultivada e desenvolvida no Brasil [onde se] utilizava também o fio do linho como linha para costurar os chapéus de palha, [...] usados no trabalho da roça." Stimlamiglio (2010, p. 38)

Existem depoimentos contados "em memória", obtidos durante a pesquisa de dissertação de mestrado da autora e que, junto a outros fatores, revelariam certa subjetividade passional na pesquisa. Duas das entrevistadas, inclusive, são tias-avós da autora. Em muitas passagens de sua narrativa, para descrever a rotina e os costumes das mulheres bordadeiras de Antônio Prado, haveria uma entonação poética de sua parte: "Uma mãe que exigia organização familiar reta e pontual como os pontos costurados por suas filhas. Pontos costurados, pontos cuidados e tudo bem acabado" Stimlamiglio (2010, p. 54). A própria fala das entrevistadas, quando citadas, traria consigo essa aura de poesia: "Tem muita gente que diz que dói aqui ou ali, eu não olho as dores eu olho o meu bordado".[3]

O Projeto Bordando Sonhos seria desta forma, uma perspectiva dentre tantas outras que poderiam ser utilizadas para abordagem do tema. Stimlamiglio considera que é "apenas um caminho construído que abre novos caminhos, novas reflexões, novos questionamentos e, com certeza, novas possibilidades de pesquisa." (p. 125). Aqui teria sido realizada uma (re) construção da história dessas mulheres, cujo bordado – e mesmo o ato de bordar – seja patrimônio imaterial a ser registrado e preservado na região.

O BORDADO DE CAICÓ-RN

O bordado de Caicó foi tema da tese de doutorado em Antropologia Social de Thais Fernanda Salves de Brito: "Bordados e bordadeiras: Um estudo etnográfico sobre a produção de bordados em Caicó/RN". Nesse estudo, o bordado seria o centro das relações sociais que permitiria o acesso às questões econômicas, históricas e culturais de Caicó, cidade localizada no Rio Grande do Norte, nordeste brasileiro.

> O bordado é uma atividade que envolve processos de aprendizado, a disciplina, o corpo, o domínio de técnicas e de repertórios, a criação de vínculos, construindo uma forma de estar e de ver o mundo. A atividade e seus produtos têm sido parte da formação e da vida de muitas mulheres na região do Seridó, na qual Caicó está inserida. Borda-se muito por lá [...] é conhecida também como 'a terra do bordado' (BRITO, 2010, p. 19)

O estudo discorre sobre os temas da produção artesanal, ressaltando que o bordado, como tal, proporciona interpretações da vida social; da autenticidade, sendo uma

[3] Terezinha Sphiochet Ampessan para Stimlamiglio, 2010, p. 66

espécie de bandeira das próprias bordadeiras de Caicó; e do paradigma de miséria lançado sobre a região por sua geografia e sua história.

> Menos do que descrever a geografia e a história do lugar, trata-se de pensar qual paisagem o bordado apresenta e qual história ele conta. O objetivo é analisar como a prática artesanal, comum à região que Caicó integra, projetou a cidade para circuitos mais amplos, transformando uma tarefa feminina, realizada no âmbito doméstico, como parte do cuidado da casa, em fonte de renda e possibilidade de atuação política.(BRITO, 2010, p. 40)

Essa pesquisa teve seu desenvolvimento pautado na etnografia,

> por meio da relação e das trocas com as bordadeiras [...] construindo novas ideias e alterações de curso [...] as mais variadas narrativas foram levadas em conta, a fim de que eu pudesse me aproximar da pluralidade e diversidade de opiniões, permitindo-me articular os diferentes discursos e práticas. (BRITO, 2010, p. 25)

Apresenta-se o bordado de Caicó por meio da Associação das bordadeiras do Seridó. A autora relata que nos primeiros contatos utilizou-se da "foto-entrevista", método de fotografar os bordados e reproduzir as imagens para que as bordadeiras possam falar sobre elas, alargando posteriormente as histórias que contavam.

Ao contrário do que se imagina com o conceito de tradição passada de geração a geração, Brito (2010, p. 34) conta que uma bordadeira "aprendeu a bordar nas oficinas da Associação, quando já tinha mais de 40 anos com o objetivo de 'preencher o tempo'".

Nessa questão, Veneziani (2005, p. 19) explica que "a hierarquia estabelecida pela Tradição não diz respeito à prioridade espacial ou temporal". Ela se deveria "à vitalidade dessa conexão na relação com a sua fonte, que está situada para além do devir".

Existe também uma menção as relações de gênero. Brito (2010, p 216) esclarece que "Formalmente, não existe a palavra 'bordadeiro'" e isso não excluiria os homens dessa atividade. Sinaliza, porém, que na cidade, o bordado é predominantemente um saber/fazer feminino e que há muitos posicionamentos efetivamente contra a realização da tarefa por homens. No entanto, quando se fala em outras funções ligadas a "cadeia do bordado", como "agenciadores, motoristas, desenhistas", os homens admitem sua participação.

O texto também revela que mesmo sendo considerada uma atividade rentável, "uma forma de trabalho e independência financeira" para muitas mulheres artesãs, ainda

se constitui uma ocupação própria do ambiente doméstico. Essa característica é ainda mais evidente em Stimamiglio (2010) quando muitas das entrevistadas relatam suas histórias de vida, e de bordado, dentro do espaço domiciliar.

Voltando ao bordado de Caicó, já reconhecido enquanto Arranjo Produtivo Local – estudado por Apolinário e Silva (2008 apud Brito, 2010) - existiriam vários agentes econômicos tais como: "empresárias do bordado, riscadores (as), bordadeiras, lavadeiras/passadeiras, mecânicos de máquinas, fornecedores de insumos, comerciantes de bordado".

Sobre a história do bordado, a autora corrobora, e é possível verificar no texto, que não é intenção da pesquisa adentrar em detalhes históricos. No entanto, ela mesma situa o bordado enquanto profissão e que, até chegar nesse ponto, conta-se na "história de Caicó" também a "da profissionalização da atividade". O feito de políticas públicas e a atuação da Associação das Bordadeiras, aqui descritas e comentadas, ilustrariam esse processo.

> Esses bordados fornecem outra leitura da história da região, valorizando a herança das primeiras colonizadoras portuguesas, no espaço seridoense, o que se torna ainda mais patente se considerarmos a ideia corrente, entre as bordadeiras de Caicó, que mencionam a herança portuguesa (especificamente, da Ilha da Madeira) dos bordados seridoenses. (BRITO, 2010, p. 47- 48)

As próprias bordadeiras relatam, segundo a pesquisa, que os bordados tiveram sua origem no bordado português, trazido até região pelas primeiras colonizadoras. Brito (2010, p. 48) conta que "Existem registros de migração portuguesa para a região potiguar, no início do século XVII, a fim de colonizar o território que vinha sendo atacado pelos holandeses."

> Vieira (1988) e Santos (1999) apresentam uma análise sobre os processos migratórios para a colonização brasileira realizada pelos naturais da Ilha da Madeira. Segundo Santos, é possível que o fluxo madeirense, no período colonial, tenha sido formado por soldados e agentes da burocracia régia, somados aos colonos para o arroteamento de terras e operários especializados para a construção de engenho. Mas, nada de específico foi citado sobre a prática do bordado, no conhecimento da pesquisadora. (VIEIRA, 1988 E SANTOS, 1999, apud BRITO, 2010, p.48)

Mais adiante, ainda comenta-se a semelhança entre os estilos bordados em Caicó com os bordados de Portugal, especificamente os da Ilha da Madeira. Ressaltando-se que

existiria uma flor característica do bordado em Caicó que é "exatamente igual" a bordada na Ilha da Madeira.

A historiadora Vânia Carvalho[4] observa, que "se acreditava, no início do século XX, que o uso das flores podia incentivar, nas mulheres, o gosto pela comparação, pela combinação de flores, de formas e aromas". Isso seria o símbolo da presença feminina no ambiente. "Bordar" seria, dessa forma, "cuidar da família". Os motivos florais trariam "representações" sobre a suavidade e a vida domesticada (amaciada e curada).

Figura 2 – Toalha de linho bordada em richellieu. Fonte: BRITO, 2010. p. 47.

E sobre essas "representações" Chartier (2002, p.17) argumenta que "as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam". Em Caicó, "talvez os bordados tenham conseguido amansar e civilizar o curral, a lida com o gado e o território das incertezas".

A trajetória do bordado em Caicó teria se estabelecido no percurso de uma forma de educação e disciplina para moças, em ambientes domésticos, até um modo de trabalho remunerado. Se antes o bordado seria associado a uma espécie de submissão feminina, ao lar e ao casamento, em tempos recentes ele poderia estar ligado ao oposto desse paradigma, significando para muitas mulheres, por exemplo, a independência sócio-economica.

[4] Na obra Gênero e Artefato. O sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1920 -1980. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2008.

A instalação da fábrica da Singer no nordeste, na década de 1960, numa incipiente crise no campo, não teria sido por acaso. Uma estratégia governamental devido a seca aproximou das mulheres sertanejas a possibilidade de obtenção de maquinário para bordar.

E "a inclusão da máquina de bordar em Caicó foi fundamental para transformar a cidade em uma referência do bordado", conta a autora. Sendo o Ceará, o Rio Grande do Norte e Pernambuco polos de produção do bordado artesanal feito, à máquina. Ainda de acordo com a pesquisa.

E mudando-se a tecnologia à disposição nesse cenário de produção artesanal do bordado, se modificaria o paradigma da tradição do bordado. Inclusive a autora relata que "Em Portugal, os bordados realizados à mão na Ilha da Madeira, que forma a referência de uma possível herança para o bordado caicoense, são feitos sem o uso do bastidor."[5]

> "[...] o uso da máquina industrial, entre as bordadeiras na região, é algo polêmico. [...] Eis aqui mais um território de tensão. Se, para algumas delas, a ferramenta e os materiais escolhidos representam a alteração do bordado em algo de qualidade inferior, para outras, a máquina industrial serve para ampliar a produção e baratear os custos. [...] outra máquina utilizada, ainda que timidamente, em Caicó: a máquina eletrônica." (BRITO, 2010, p.129-130)

São vários os fatores que tornam as bordadeiras em Caicó um grupo heterogêneo: as técnicas, a tecnologia utilizada, as relações entre si e o com o contexto externo e a questão geracional. Assim, seria possível "romper com as imagens da bordadeira genérica, composta pelo senso comum e pelas agências de fomento do bordado".

> Borda-se à mão e à máquina, bordam velhas e jovens, alguns homens também bordam. Borda-se para si, como um lazer, para os outros, como presente ou como trabalho. Borda-se em branco e também em colorido, roupas para vestir ou para vestir a casa. Borda-se para se ter liberdade econômica ou para sustentar a família. O dinheiro que se ganha com o bordado pode ser um complemento ao orçamento doméstico, a possibilidade de sustentar pequenos luxos ou o único sustento de uma família. Bordado pode ser, ainda, veículo de atuação política e uma possibilidade de "rodar o mundo" (BRITO, 2010, p.167)

[5] O Bastidor de bordado é uma ferramenta para se bordar. Geralmente são dois círculos de madeira fina que prendem o tecido encaixando-se um no outro, de modo que fiquem firmes e mantenham o tecido esticado para a execução do bordado.

É importante ressaltar que "boa parte do bordado em Caicó é realizado na máquina de bordar – um instrumento caro e nem todos tem acesso", argumenta Brito (2010, p. 175). Por sua vez, a escola e as mídias apresentam, por exemplo, "outras possibilidades de vida, de trabalho, de obtenção de renda e de distinção social." O bordado para algumas bordadeiras mais jovens, não seria encarado como "uma preparação para o casamento ou uma forma de aprender os padrões de comportamento de uma mulher casada". Bordar, para elas é mais "uma alternativa para auxiliar o marido da composição da renda e planejamento da constituição da sua família".

Portanto, o bordado e as bordadeiras de Caicó seriam além de constituintes de uma história de produção artesanal na região, são também veículos de reprodução de histórias religiosas, experiências, saberes e fazeres individuais e coletivos. Como define Brito (2010, p.205) "essas histórias compõem um 'avesso', quer dizer, experiências e convenções que cercam uma vida dedicada à cultura do bordado".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por cada especificidade exposta aqui, assim como pelas generalidades constatadas nesses breves relatos sobre o bordado, localizado em algumas regiões do país, considera-se que há um vasto campo ainda por estudar. Sobretudo no que diz respeito a história desses saberes e fazeres e dos atores sociais neles envolvidos.

> Não são meros tecidos ornamentados, mas exemplares de uma história. Eles apontam relações com o passado, com um tempo cuja paciência e cuidado com a produção ritmavam os dias. [e] também relações com o futuro, uma vez que são heranças deixadas aos filhos, perpetuando, desta forma, a memória de sua origem e do que se considera belo. (BRITO, 2010, p. 251)

Assim, recorrendo-se a estudos de outras áreas, mapeando essas informações e cruzando referências de documentais diversas, seria possível construir algumas perspectivas históricas sobre a origem e o desenvolvimento do bordado em algumas cidades brasileiras, especialmente as que levantariam a bandeira de "terra" ou "cidade" do bordado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Thais Fernanda Salves de. **Bordados e bordadeiras: Um estudo etnográfico sobre a produção de bordados em Caicó/RN.** 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CARDOSO, Irene. **Narrativa e História. Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 12(2): 3-13, novembro de 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ts/v12n2/v12n2a2 Acesso: 24 de maio de 2014.

CHARTIER, Roger. **A história cultural. Entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. 2ª Ed. Memória e Sociedade. Difel. 2002.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil.** 2. Ed. Rev. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC – Iphan, 2005.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs). **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção Pensamento Crítico; v. 55)

LAGO, Mara Coelho de Souza. **Sobre trabalho, casas, mulheres, ... ainda.** In MINELLA, Luzinete Simões; FUNK, Suzana Bórneo. Saberes e fazeres de gênero: entre o local e o global. Florianópolis: UFSC, 2006.

LE GOOF, Jacques. **História e Memória.** 2º Volume Memória. Lugar da História, edições 70. Lisboa – Portugal. 2000.

STIMAMIGLIO, Neusa Maria Roveda; ROVEDA, Fernando. **Bordando Sonhos.** Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2010.

VENEZIANI, Marcelo. **De pai para filho. Elogio da tradição.** Trad. de Orlando Soares Moreira. Edições Loyola, São Paulo, 2005.